



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**RENATA APARECIDA DA COSTA [Kóki]**

**(entrevista)**

**2018**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-827

**Entrevistada:** Renata Aparecida da Costa [Kóki]

**Nascimento:** 08/07/1986

**Local da entrevista:** Hotel Laghetto - Porto Alegre, RS

**Entrevistadora:** Suellen dos Santos Ramos

**Data da entrevista:** 05/12/2017

**Transcrição:** William Charles Osório Gomes

**Copidesque:** Suellen dos Santos Ramos

**Pesquisa:** William Charles Osório Gomes e Suellen dos Santos Ramos

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 42 minutos e 37 segundos

**Páginas Digitadas:** 20 páginas

**Observações:**

Entrevista produzida para o *Programa Futebol e Mulheres* desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Iniciação no futebol; Apoio da família; Equipes em que participou; Seleção Brasileira de Futebol Feminino; Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro; Copa do Mundo de Futebol Feminino; Equipes que atuou; Competições marcantes; Preconceito; Origem do apelido; Sport Clube Internacional.

Porto Alegre, 05 de dezembro de 2018. Entrevista com Renata Aparecida da Costa [Kóki] a cargo da pesquisadora Suellen dos Santos Ramos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.R. – Renata, muitíssimo obrigada por ceder um pouco do teu tempo para conceder essa entrevista. Eu queria começar te perguntando como é que o futebol entrou na tua vida?

R.C. – Eu que agradeço a oportunidade de estar podendo falar um pouquinho da minha vida. O futebol para mim começou através do meu pai que não chegou a ser jogador profissional, mas jogou futebol, na época não tinha futebol feminino na cidade onde eu morava então meu pai já mexia com futebol e tal, mas era só para meninos e como eu gostava muito, minha mãe até conta uma história que quando ela ia trabalhar me levava junto e eu... Ai tinha um pé de limão, eu pegava o limão e ia chutando o limão pela rua até chegar no trabalho e na volta era a mesma coisa. Meu pai vendo isso, como não tinha futebol feminino na época, decidi me colocar junto com os meninos e como não tinham campeonatos, eu disputava campeonatos junto com os meninos. Daí foi crescendo e aos poucos foram aparecendo meninas também interessadas, e surgiu na cidade aquele time de final de semana [risos], e eu sempre me destacava e nos campeonatos femininos que já tinham sempre me destacando. Teve um treinador da cidade vizinha que gostou e me convidou para jogar na cidade e morar na casa dele onde tinha as duas filhas que jogavam e a esposa também, a família toda jogava futebol e a casa dele já tinha outras meninas morando também de outras cidades vizinhas. E dali então o futebol só cresceu.

S.R. – E que equipe era essa? Que time era esse?

R.C. – Era da cidade de Londrina<sup>1</sup>.

S.R. – Tu és de Londrina?

R.C. – Eu sou da cidade vizinha, de Assaí<sup>2</sup>. Não é da fruta não, é Assaí mesmo, terra de japoneses, só têm japoneses lá [risos].

---

<sup>1</sup> Município do estado do Paraná.

<sup>2</sup> Município que integra a região metropolitana de Londrina (Paraná).

S.R. – É mesmo? [risos]

R.C. – É verdade.

S.R. – Por isso tem um olhinho meio puxado, assim?

R.C. – Eu brinco com as pessoas que eu tenho o olho puxado por isso, pela convivência. Isso aqui é de quando era pequena, cabelo ruim, dai a mãe puxava muito o cabelo [risos]. Aí ficou assim com olho puxado. Estou brincando...

S.R. – E com quantos anos tu te mudou para Londrina?

R.C. – Eu comecei a jogar com nove anos, futebol mesmo com os meninos e eu mudei da cidade com onze anos, bem novinha. Desde então nunca mais morei em casa mesmo.

S.R. – É mesmo? Mas tu foi sozinha, sem teus pais?

R.C. – Sozinha, sozinha, sozinha, sozinha. Trinta minutos da minha cidade, Londrina. Meu pai doido por futebol por ele não ter conseguido alcançar o objetivo dele, de ser profissional...

S.R. – Sim.

R.C. – Meu pai é bem louco e ele: “Vai filha, vai, deixa a menina ir”, ele falava para minha mãe: “Deixa ela ir atrás do sonho dela”. E uma coisa importante que às vezes você vê relatos de meninas que não tiveram o apoio da família, mas eu sempre, sempre, tive. Mesmo a minha mãe, com medo por eu ser novinha, de deixar sair de baixo da saia, sempre me apoiando, sempre, todo momento, me apoiam até hoje, sempre. Todas as decisões...

S.R. – Sempre teve apoio dos teus pais?

R.C. – Sempre, todas as decisões de “que time que eu vou?”, de propostas, sempre consulto eles. Eles: “Filha vai, faz o que é melhor, vê com Deus. O que for melhor para você a gente vai está do seu lado sempre, todo tempo”.

S.R. – Que legal. E não sei se tu lembra, mas como era a aceitação dos meninos em te ter no time? E até dos outros times, porque tu competia contra meninos também não é?

R.C. – Contra meninos. Era engraçado porque eles gostavam porque eu era boa, era boa mesmo [risos]. Eles gostavam de me ter no time, agora os adversários já não gostavam muito porque eu era até habilidosinha, aí eles queriam me quebrar no meio. Mas o time que eu jogava sempre aceitou.

S.R. – Que legal. E qual foi o primeiro clube da tua trajetória como jogadora?

R.C. – Primeiro clube, clube, foi o Grêmio Maringá<sup>3</sup> porque, como eu jogava em Londrina e não tinha time também, não tinha clube, tinha uma parceria do treinador na época com o treinador desse Grêmio Maringá, e quando tinha competições... A gente ficava treinando em Londrina, mas quando competições a gente ia para Maringá<sup>4</sup> e esse foi o primeiro clube assim... Hoje em dia eu nem sei se tem mais esse clube, mas era o Grêmio Maringá, foi o Grêmio.

S.R. – E de Maringá tu foste para onde?

R.C. – De Maringá voltei para Londrina que surgiu a oportunidade de jogar na Portuguesa Londrinense<sup>5</sup>, da Portuguesa Londrinense eu fui pra Marília em São Paulo, mas como eu era muito nova não tinha idade para jogar o campeonato que era o paulista do interior que era na época, não tinha idade, eu tinha apenas doze, quase treze anos e não podia jogar.

S.R. – Tu foste para São Paulo com treze anos?

---

<sup>3</sup> Grêmio de Esportes Maringá.

<sup>4</sup> Município do estado do Paraná.

<sup>5</sup> Associação Portuguesa Londrinense.

R.C. – Sim [risos]... Treze anos e eu fiquei assustada porque eu nunca tinha ido tão longe assim. Aí eu falei: “Ai pai...” Na primeira chance que eu tive de ir embora não voltei mais, não voltei. De medo assim, fiquei assustada de ter mulheres mais velhas, eu não consegui, até falei: “Pai, não quero mais jogar”. Fiquei na minha casa um tempo, estudando normal, depois voltei para Londrina de novo na Portuguesa Londrinense. Ali eu jogava futsal e campo e teve uma seletiva em Curitiba<sup>6</sup> e daí juntou a Portuguesa Londrinense com o Grêmio Maringá, fizemos uma Seleção paranaense digamos assim. Lá tinha os treinadores da Seleção Sub-19 na época...

S.R. – Da Seleção Brasileira tu diz?

R.C. – Da Seleção Brasileira. Isso foi em 2000, faz tempo [risos]. Foi em 2000. De quarenta, de sessenta meninas eu estava no meio, aí fizeram uns cortes todos, de quarenta também estava no meio, depois foi tirando mais ainda, de vinte estava no meio, acabou que do Paraná acho que foi só eu, só eu na época.

S.R. – Para Sub-19?

R.C. – Para sub-19, para Seleção Sub-19.

S.R. – Essa foi tua primeira convocação?

R.C. – Essa foi a minha primeira convocação em 2001. Essa foi minha primeira convocação para sub-19, aí eu fiquei só no Grêmio Maringá mesmo, jogando só lá, futsal e campo. E que mais... Fiquei na Seleção até 2012, de 2001 à 2012. Em 2002 eu já subi para a principal.

S.R. – Com quantos anos?

R.C. – Eu tinha quinze, dezesseis anos.

S.R. – Dezesseis anos?

---

<sup>6</sup> Capital do Estado do Paraná.

R.C. – Sim, eu fui pra Seleção com... Tinha acabado de completar quinze anos. Na sub-19, aí com dezesseis já...

S.R. – E tu já era zagueira?

R.C. – Não, não. Eu era volante, meio campo. “Volantona” ali, de contenção. Zagueira mesmo eu fui virar em 2007 no Pan-Americano<sup>7</sup>, porque... Não sei, aconteceu que o treinador veio falar comigo: “A gente precisa de uma zagueira, só tem duas zagueiras, acho que você vai se dar bem ali”. Aí foi a primeira vez que eu joguei, joguei bem, fui bem, fomos campeãs do Pan. Pronto, não sai mais.

S.R. – E tu chegou a competir algum campeonato com a Seleção Sub-19?

R.C. – Cheguei, Sul-Americano e um Mundial no Canadá<sup>8</sup>. O Sul-Americano no Peru<sup>9</sup>, isso 2001 e 2002 o Mundial no Canadá.

S.R. – Foi o teu primeiro Mundial?

R.C. – Meu primeiro Mundial.

S.R. – Como foi sair do país?

R.C. – Nossa! Criança fica deslumbrada com tudo...

S.R. – Com quinze anos?

R.C. – Com quinze anos! Faz tempo isso [risos]. Mas era bem novinha mesmo, bem novinha.

S.R. – E tua subida para a Seleção principal já veio com uma Olimpíada, não?

---

<sup>7</sup> XV Jogos Pan-Americanos, realizados no Rio de Janeiro em 2007.

<sup>8</sup> Copa do Mundo de Futebol Feminino Sub-20.



R.C. – Com Mundial, 2003... Não, Sul-Americano na verdade, em 2003.

S.R. – Que deu vaga para o Mundial em 2003?

R.C. – Isso.

S.R. – E onde foi mesmo?

R.C. – Foi no Peru também.

S.R. – Não, o Mundial?

R.C. – O Mundial foi nos Estados Unidos, 2003.

S.R. – E como que foi?

R.C. – Nossa, foi bem difícil porque quando eu subi para principal tinha aquilo ainda de as mais novas e as mais velhas, era muito dividido, muito, muito. E a gente sofria... Nós mais novas, tipo eu, Cris<sup>10</sup>, Marta<sup>11</sup> que tinham acabado de subir da Sub-19, sofri muito assim não vou dizer *bullying*, mas quase isso [risos].

S.R. – Tinha uma hierarquia ali?

R.C. – Sim, a gente mal podia falar com elas, com as mais velhas, a gente fazia o nosso assim e só. Terrível, as meninas eram terríveis.

S.R. – E como é que se deu essa tua permanência na Seleção?

---

<sup>9</sup> Campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino.

<sup>10</sup> Cristiane Rozeira de Souza Silva.

<sup>11</sup> Marta Vieira da Silva.

R.C. – A eu acho que eu fui buscando aos poucos sabe, sempre fui centrada no meu objetivo, sempre focada sabe. Desde o Sul-Americano não sai mais, sempre titular mesmo, sempre jogando, mostrando o meu potencial e tudo.

S.R. – Enquanto estava na Seleção quais outras equipes tu participou?

R.C. – Eu joguei, depois do Grêmio Maringá eu joguei... Eu fui para o Santos<sup>12</sup>, mas o Santos, era 2003, na época também não era como é agora. Na época era só a camisa, eles davam só a camisa, a camisa velha lá eles davam para gente jogar e tal. E agora está tudo bem, agora tem onde elas se alojar. Depois do Santos eu fui para o Botucatu<sup>13</sup> em São Paulo, isso 2005, de Botucatu eu tive a oportunidade de ir para fora... Eu fiquei em Botucatu de 2005 à 2007, começo de 2007. Ai 2007... Minto, até o fim de 2007, 2008 eu já fui para Dinamarca, fiquei lá um ano. Em 2009 eu fui para Suécia, fiquei um ano também, aí em 2010 eu voltei para cá para o Brasil e fui para o Santos, aí já tinha camisa, era tudo do clube. Fiquei lá 2010, final de 2010 eu machuquei o joelho, tive que fazer cirurgia. Aí fiquei 2011 até uns, até maio mais ou menos de 2011 sem clube, só me tratando mesmo. Nesse ano de 2011, como meu pai sempre mexeu com futebol e a gente quis fazer um negócio mais certinho a gente fez um clube lá, um clube não, um time lá em Assaí, na minha cidade. Você vê a loucura, olha só vou te contar agora [risos], nós construímos um alojamento no fundo da minha casa, minha mãe cozinhava, meu irmão estuda também Educação Física, ele era treinador junto com meu pai que só ficava “cornetando” [risos]. Mas ajudava também. Aí fizemos peneiras por todo canto do Paraná, Santa Catarina também algumas cidades, em São Paulo também, interior de São Paulo e formamos um time de vinte, a gente teve vinte e cinco atletas morando com a gente, vinte e cinco atletas. Responsabilidade. E todas assim... Por isso que eu vejo agora o Internacional<sup>14</sup>, eu me vejo lá atrás quando a gente tinha um projeto parecido, só que por conta de não ter ajuda nós não fomos pra frente. Aí agora eu vejo assim: “Nossa, esse projeto tem tudo para dar certo, as meninas novinhas que vieram do futsal”, a mesma coisa. E a gente teve vinte e cinco atletas morando na minha casa, no fundo da minha casa, no alojamento.

S.R. – E tudo foi o teu pai que arquitetou?

---

<sup>12</sup> Santos Futebol Clube.

<sup>13</sup> Botucatu Futebol Clube.

R.C. – Junto com meu irmão, a gente que tudo.

S.R. – É mesmo?

R.C. – Sim, porque a gente gosta muito de futebol tudo que a gente conquistou foi através do futebol, entendeu?

S.R. – Sim.

R.C. – E, nossa, isso foi...

S.R. – E vocês competiram, jogaram?

R.C. – Sim nos competimos. Nós competimos o Campeonato Paranaense. Aí eu me machuquei, fiquei 2011 sem clube, aí como tinha o meu projeto lá, o nome era Assaí Futebol Clube - Escolinha Renata Costa, porque a gente tinha as meninas e tinha a escolinha também das menininhas mais novas.

S.R. – Sim.

R.C. – E eu fiquei no meu time treinando e final de 2011 fui para o Foz Cataratas<sup>15</sup>, disputei a Copa do Brasil onde a gente foi campeão e no ano seguinte, em 2012, também continuei disputando o paranaense, Copa do Brasil, fomos campeãs do paranaense e fomos para a Libertadores<sup>16</sup> porque ganhamos a Copa do Brasil. Do ano passado, 2011. Ficamos em segundo lugar da Libertadores, aí de lá saí, tive outra cirurgia no joelho, podre [risos]. Aí tive uma breve passagem por um time de Curitiba, Novo Mundo<sup>17</sup> o nome. De lá eu fui para fora de novo, em 2014 fui para fora, fui para Rússia, fiquei dois anos, voltei...

S.R. – Na Rússia?

---

<sup>14</sup> Sport Club Internacional.

<sup>15</sup> Foz Cataratas Futebol Clube.

<sup>16</sup> Copa Libertadores da América de Futebol Feminino.

<sup>17</sup> Novo Mundo Futebol Clube.

R.C. – Na Rússia, longe “pra caramba” [risos]. Fiquei dois anos lá, voltei, vim para o Corinthians/Audax<sup>18</sup> em 2016. Fiquei até esse ano, aí setembro, outubro... Outubro me desvinculei de lá, fui para o Iranduba<sup>19</sup> disputar o estadual de lá e agora estou aqui no Internacional. [risos]

S.R. – Me conta o seguinte, como é que se deu esse processo de transferência para o exterior? Tu teve passagem por Dinamarca, Suécia, agora Rússia. Como é que se deu cada processo?

R.C. – Da Dinamarca e da Suécia eu tinha um agente FIFA<sup>20</sup> que me agenciava, cuidava de todos os processos extra campo e ele que conseguiu para mim. E na verdade acho que foi o único que conseguiu do clube também ganhar dinheiro.

S.R. – Capaz?

R.C. – Sim, porque não sei se agora tem, mas até pouco tempo não tinha isso de atleta sair do clube e o clube fica lá chupando dedo.

S.R. – Sim.

R.C. – Em 2007 ele conseguiu isso. Eu fui para Dinamarca e o clube da Dinamarca pagou para o Botucatu. Eu não sei quanto que foi porque foi feito extra campo. Mas foi isso. O da Rússia já era outro agente que ainda estou com ele, ele é de Portugal e acho que até vocês já ouviram falar da OBSplayers.

S.R. – Sim!

---

<sup>18</sup> Time feito da parceria entre Sport Club Corinthians Paulista e Grêmio Osasco Audax.

<sup>19</sup> Esporte Clube Iranduba.

<sup>20</sup> Federação Internacional de Futebol.

R.C. – É esse daí, ele é um pouco chato, mas ele consegue fazer as coisas. Ele consegue realizar o sonho de muitas meninas que às vezes não tem oportunidade aqui no Brasil e com o potencial que tem vai jogar fora.

S.R. – Que legal. E como é que é a estrutura lá? Dinamarca, Suécia, muita diferença daqui?

R.C. – Tem bastante diferença, muita! Agora, os clubes grandes, estão chegando, mas tem muitos clubes que faltam muitas coisas ainda, muitas! E, a Dinamarca é um lugar que eu diria que poderia voltar e morar lá, que é um lugar muito bom, muito, muito, muito bom de viver, custo de vida. A Suécia o campeonato lá... Também é um lugar bom de morar, mas o campeonato lá é loucura, é muito bom. O nível é muito bom, muito, muito bom. De verdade. Acho que foi o lugar mais competitivo que eu joguei.

S.R. – Capaz?

R.C. – Sério. É muito bom [risos].

S.R. – Chegou a encontrar a Marta lá? Ou jogou com ou contra ela?

R.C. – Quando eu fui para lá em 2009 ela tinha saído, foi para os Estados Unidos. Não estava.

S.R. – Chegou a aprender as línguas?

R.C. – Nossa, eu cheguei a estudar dinamarquês, o sueco, é muito difícil, mas...

S.R. – Como é que foi esse choque cultural assim?

R.C. – Na Dinamarca não tive tanto assim porque tinha muito brasileiro, aí me senti em casa. Na Suécia que foi um pouco difícil, povo um pouco mais frio, sabe. Mas, a gente vai levando e também nem tinha muito tempo para sair, assim, que era do treino para casa, da casa para o treino, os treinamentos eram bem pesado também. Mas foi uma experiência boa.

S.R. – Que show. Então voltando um pouquinho para Seleção Brasileira, tu teve um período de onze anos na Seleção? Contando a tua primeira convocação em 2001 e a última em 2012, tu tem doze anos de Seleção Brasileira, então, tu viveu muita coisa, tu passou por Copa do Mundo, Pan-Americano, Olimpíadas, Sul-Americano.

R.C. – Muita, muita coisa.

S.R. – Conta um pouco, então, de momentos marcantes de quais competições tu competiu...

R.C. – Um ano marcante lá foi 2004 na época do René Simões<sup>21</sup> que ele teve apenas seis meses e ele mudou a cabeça de muitas, de todas, de ver o futebol feminino, o jeito de jogar... Como eu tinha falado dessa divisão das mais novas com as mais velhas e acho que a partir daí, da passagem dele por lá que acabou com isso de ter essa divisão. Ele... Eu lembro que ele fazia o seguinte: tinha nomes na mesa, sempre tem um grupinho que você se dá mais assim, mas como era muito dividido das mais novas das mais velhas então ele colocava nomes na mesa e “Você não tinha intimidade com essa, não vai falar com essa? Então espera aí que vai sentar de frente com ela.” Ele fazia desse jeito. E isso foi unindo até a gente, foi sim, ele fez uma coisa inacreditável, não sei se outro conseguiria, mas se perguntar para o grupo de 2004, todas vão falar a mesma coisa. Muito bem da comissão, deles, das meninas, do grupo, todas vão falar muito bem.

S.R. – E como é estar em um pódio Olímpico?

R.C. – Nossa, é marcante, marcante mesmo. Infelizmente as duas vezes que a gente subiu foi para receber a medalha de prata, mas olhando o futebol na época... As estruturas que a gente tinha, a gente fez muito, muito, valia ouro, a medalha de prata que a gente conseguiu, as duas medalhas de prata que a gente conseguiu valia muito ouro, com certeza. Hoje em dia você vai na Seleção, lógico, sempre tem coisa a melhorar, mas não tem nem comparação do que era antes, não tem, não tem. Nós ralamos o osso e agora as meninas tão lá [risos]. Mais ou menos isso.

S.R. – [risos] Alguém tinha que fazer. E as Copas do Mundo?

R.C. – Copa do Mundo...

S.R. – Melhor colocação assim que tu chegou, que foi o quê? Terceiro lugar?

R.C. – Foi vice contra a Alemanha<sup>22</sup>.

S.R. – E como é que foi?

R.C. – Você vê estádio lotado nossa e ver também, volto de novo na estrutura que a gente tinha sabe e a gente chegar aonde chegou. E agora com estrutura melhor as meninas não conseguem chegar, qual será o problema? Será que é as atletas ou é interno?

S.R. – A entidade.

R.C. – Pois é. Tem muita coisa que acontece lá dentro que ninguém expõe, tem muita coisa. Enquanto estiver essas coisas erradas, não vai conseguir, não vai conseguir nada. Lógico que a gente torce, sempre... Brasil ser campeão tal, quem sabe muda alguma coisa, mas enquanto não mudar lá dentro primeiro, não vai conseguir.

S.R. – E tu vivenciou muito isso, não é? Durante anos...

R.C. – Sim. Aí chega uma hora que a gente até desanima. Meu desânimo maior foi nas Olimpíadas de 2012 em Londres. Com tudo, com tudo, atletas e a entidade também. Fomos sem apoio, estrutura baixa e assim que a gente foi desclassificada contra o Japão, nossa, no mesmo dia você vê meninas que parece que não perderam nada, estão ali só por *status*. Aí falei: “Não é isso que eu quero não!” Você passa o ano todo ralando, aí meninas que jogam fora, só vem para a competição, não estão nem aí, só pensam nelas. Ai você para e pensa: “O que que eu estou fazendo aqui? Vou ralar só para ela ter *status*?” Não! Mas até que,

---

<sup>21</sup> René Rodrigues Simões.

<sup>22</sup> Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2007, realizada na China.

enfim, algumas tipo Cristiane, Rosana<sup>23</sup>, Maurine<sup>24</sup>, Fran<sup>25</sup>, essas atletas aí abriram o olho, mas se o futebol feminino todo se juntasse, sério Su<sup>26</sup>, ia fazer uma reviravolta. Mas tem menina que tem medo, Marta que tem o nome que tem, se ela soubesse a força que ela tem, se ela soubesse, acho que até sabe, mas não quer...

S.R. – Se ela soubesse.

R.C. – Não quer.

S.R. – Podia fazer uma reviravolta mesmo. E era o que precisava. É o que precisa na verdade.

R.C. – Essa deixa da Cris<sup>27</sup>, meu, foi um momento certíssimo para todas, todas, todas: “Não vou para a Seleção.” Foi convocada? Fala: “Não vou, não vou me apresentar.” Todo mundo que foi convocada: “Não vou me apresentar, enquanto não mudar, não vou me apresentar”, entendeu? Mas é difícil.

S.R. – Se submetem, não é? É difícil.

R.C. – Infelizmente.

S.R. – Mas vamos falar de coisa boa.

R.C. – Isso vamos lá [risos].

S.R. –Pan-Americano de 2007, campeãs, Estádio do Maracanã lotado.

R.C. – Esse foi top. Esse foi bom porque até os treinamentos nossos foram muito bons, acho que foi a época que a gente estava voando, que a Seleção estava voando no

---

<sup>23</sup> Rosana dos Santos Augusto.

<sup>24</sup> Maurine Dorneles Gonçalves.

<sup>25</sup> Francielle Manoel Alberto.

<sup>26</sup> Suellen dos Santos Ramos, a entrevistadora.



campeonato. E nossa, jogamos no Maracanã meu, lotado, sabe o que é isso? Tinha hora no jogo que eu parava assim: “Caraca, olha onde eu estou.” Cheinho, cheinho. Não, sério mesmo, nossa foi... Isso nunca mais vou esquecer. Foi “top”.

S.R. – Como foi subir no pódio no meio do Maracanã?

R.C. – Nossa bem louco [risos]. Nossa, muita alegria em ver o pessoal gritando e gritando o seu nome. Nossa, meu Deus, foi bom demais. Não tem explicação, não tem como descrever a alegria sabe, assim foi muito *foda* [risos]. Muito *foda*, foi muito bom.

S.R. – E dentre estas competições que tu jogou, qual foi a mais marcante para ti? Dentro da Seleção.

R.C. – Competição?

S.R. – Isso, na Seleção Brasileira. Campeonato, competição...

R.C. – A acho que foi do Pan. O do Pan porque a gente estava voando e estava bem, todo mundo bem, todo mundo focado, focado em um só objetivo, então, a gente conseguiu.

S.R. – Nesse de 2007?

R.C. – Nesse de 2007.

S.R. – Que show. E...

R.C. – E tem as Olimpíadas também, que foi na China.

S.R. – Qual?

---

<sup>27</sup> Em 2017 Cristiane anunciou que não serviria mais a seleção em protesto a ações tomadas pela Confederação Brasileira do Futebol.

R.C. – De 2008. Também foi... Quando a gente ganhou da Alemanha, nossa, de virada. Nós saímos perdendo de um a zero, foi virada.

S.R. – Eu lembro. Meu coração.

R.C. – Esse jogo aí também foi um dos mais marcantes porque fazia muito tempo que nós não ganhávamos da Alemanha e a Alemanha estava fortíssima, fortíssima.

S.R. – Conta um pouquinho dos bastidores.

R.C. – *Putz*. Essa Olimpíada de 2008, vou contar uma historinha: nós fizemos umas viagens, fizemos a preparação, teve uma viagem para a Suécia para jogar contra alguns clubes de lá e uma para o Japão antes de ir para China. Nessa do Japão, nesse jogo do Japão, nossa, o grupo começou meio que quebrar porque tinha uma peça lá, não preciso nem dizer o nome assim porque... É melhor não... E uma pecinha lá não estava jogando e queria queimar as outras atletas, fazendo fofuquinha ali, fofuquinha ali, com supervisor, até que um dia nós nos reunimos em um quarto fechadinho sem nenhum dos caras da comissão e começamos a lavar roupa suja. Na sua cara assim botando dedo na cara: “O que você falou dela? Agora fala na cara dela”. Meu, depois daí o grupo se uniu mais ainda, eu até hoje não sei o porquê a gente não ganhou essa Olimpíada, sério. Mas como o grupo se uniu, fora a pecinha, sério, foi muito bom, foi muito *foda* [risos]. Eu não consigo achar as palavras, foi muito *foda*. Foi acho que por um pouquinho que a gente não conseguiu. E falar um pouquinho da Olimpíada de 2004 também, com o René, tinha uma coisa bem interessante que ele propôs para a gente. Ele deu uma bolinha de tênis que por onde a gente ia, a gente tinha que andar com a bolinha, que ela significava o sonho olímpico, ela era o nosso sonho olímpico, se a gente tivesse esquecido no quarto, *putz*, esqueceu o sonho. Ele dizia: “O que você está fazendo aqui? Pega o sonho olímpico, anda com o sonho olímpico”. E na vila olímpica também a gente tinha que andar de mãos dadas...

S.R. – Sério?

R.C. – Era até engraçado, porque começou tipo a unir, unir mesmo, mais ainda, foi bem legal isso que o René Simões propôs para gente. Muito legal.

S.R. – Legal vivenciar tudo isso. E dentro dos clubes assim, quais foram ou qual foi a competição ou as competições que mais te marcaram? O que mais te marcou?

R.C. – Vou falar o clube que mais me marcou, que foi o Botucatu. Time de cidade, a cidade abraçava o futebol feminino. Você ia no estádio, o estádio estava lotado. Lotado, lotado, lotado para ver a gente jogar. E teve um ano que a gente ganhou tudo, Campeonato Paulista, Copa do Brasil, o que mais? Tinha os Jogos Regionais e Abertos não tinha ainda, Brasileiro, nem Libertadores. Mas os campeonatos mais importantes do ano e nós ganhamos. Nossa, foi muito, muito, muito bom, é um clube assim que eu tenho um carinho muito grande e até pouco tempo atrás o treinador faleceu e fomos lá, tudo, foi bem triste né o fim assim do clube, mas é um clube que eu levo no coração. Com certeza.

S.R. – E quais outros títulos tu tem a nível nacional ou clubes internacionais?

R.C. – Bom, eu só não tenho o Brasileiro, ainda, que eu quero muito. Para mim só falta o Brasileiro. Tenho Copa do Brasil, Paulista, Libertadores. Fora do país eu tenho dois vices estaduais na Rússia, na Suécia não ganhei nada [risos]. Tenho um campeonato *indoor* na Dinamarca, tipo um futsal, o que mais? De clubes esses. Só falta o Brasileiro.

S.R. – Pode ser A2<sup>28</sup>? [risos]

R.C. – Pode, pode ser da A2, da A1<sup>29</sup>, A3, tem que ser Brasileiro [risos]. Tem que ser o Brasileiro [risos].

S.R. – Tu já sofreu alguma dificuldade por ser mulher e jogar futebol?

R.C. – Sofrer não digo que não, mas tem os preconceitos que você sofre. Assim, eu já nem ligo. Você vai no estádio você escuta o cara falar: “Sai daí, futebol não é para mulher”. Aí

---

<sup>28</sup> Segunda divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino.

<sup>29</sup> Primeira divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino.

tem também, às vezes no *face*<sup>30</sup>, um comenta lá, no *instagram*<sup>31</sup> comenta. Isso aí para mim é o de menos, eu nem ligo. Nem ligo mesmo.

S.R. – Mas já escutou bastante?

R.C. – Já, com certeza.

S.R. – Tu teve alguma outra ocupação profissional? Sem ser o futebol.

R.C. – Não, só futebol.

S.R. – Durante toda tua vida tu te sustentou só jogando futebol?

R.C. – Só jogando futebol.

S.R. – Tu achas que a Seleção Brasileira te ajudou quanto a ser uma jogadora de destaque? Com é que eu posso dizer... Tem jogadoras que não são da Seleção que não conseguem se manter só jogando futebol. Mas tu acha que a Seleção te impulsionou em relação a isso?

R.C. – Sim, porque quando você veste a camisa da Seleção Brasileira as pessoas te olham diferente, do que uma menina que nunca foi na Seleção. Se colocar aqui, eu que já fui para a Seleção várias vezes e outra pessoa que nunca foi, mas que também joga muito, eles vão te contratar. Um exemplo: duas pessoas para contratar eu e a outra pessoa, da mesma posição, eles vão querer me contratar, com certeza.

S.R. – Certo. Tu já relatou vários momentos marcantes da tua carreira. Tu consegue definir um que seja, como o mais marcante?

R.C. – *Putz* [risos]. O mais marcante é o de 2007 não tem jeito. É esse. Todo mundo pergunta às vezes assim, mesma pergunta que você fez: “Qual foi o título mais importante?”

---

<sup>30</sup> Rede Social Facebook.

<sup>31</sup> Rede Social.

Qual é o título mais importante?”. Eu falo que é o do Pan, é esse. É o que vem na cabeça, que está na minha memória assim sempre vem primeiro é o Pan, não tem jeito.

S.R. – E como é que se deu o teu processo de vinda para o Internacional?

R.C. – Através da Duda<sup>32</sup>. Eu ainda estava no Corinthians/Audax e ela perguntou se eu tinha a possibilidade de jogar aqui o estadual. Aí eu falei que sim, que tinha sim, porque o campeonato lá só ia até começo de novembro então até ai estaria livre e acabou que eu consegui me desvincular do Corinthians. E eu falei: “Duda, primeiro eu tenho que ir para o Iranduba que eu já tinha combinado de ir.” Antes da Duda falar comigo o Iranduba já tinha entrado em contato, falei que ia disputar um campeonato lá, depois voltava para o Inter. E foi isso, foi fácil.

S.R. – É? [risos]

R.C. – O contato foi fácil.

S.R. – E como foi esse período no Iranduba?

R.C. – Foi bom. Eu fui achando que ia ser uma coisa, um exemplo, mais difícil, que as meninas... Tipo eu chegar assim, que não iam nem falar comigo direito, mas foi totalmente diferente, fui muito bem acolhida, o treinador também me acolheu muito bem. A princípio eu não queria ir porque esse ano eu tive uma contusão no pé, até hoje eu não sei o que era, o que aconteceu, fiz vários exames e não joguei muito. Aí teve a convocação para ir para a Libertadores, eu fiquei de fora, foi quando eu me desvinculei do Corinthians porque não teria mais nada. Passei por muito estresse na cabeça com a contusão e por não estar jogando, treinava com dor, a dor não passava, aí falei: “Não quero ir não, não vou para o Iranduba não, vou ficar aqui de boa e depois eu vou para o Inter”. Cheguei lá no Iranduba falei: “Professores, estou assim, eu preciso da ajuda de vocês, se vocês quiserem que eu renda preciso que vocês me ajudem também. Eu vim para ajudar, mas eu preciso que vocês também me ajudem”. E foi assim, as meninas me acolheram muito bem, o professor lá muito e também fomos campeãs e espero que fechar com chave de ouro aqui também.

S.R. – Imagina, dois estaduais no ano [risos].

R.C. – Nossa, em um ano, menos de três meses [risos]. Mas nós temos totais condições para isso. Com certeza.

S.R. – É, também acho. Tu tens apelido muito carinhoso, todas as meninas te chamam de Kóki. Eu queria que tu explicasse um pouquinho como surgiu esse apelido, por que do apelido, o que significa?

R.C. – O Coque significa o coque do cabelo mesmo. Quando eu cheguei na Seleção, na sub-19, ninguém se conhecia, meninas de todo lugar mas ninguém se conhecia e tinham duas Renatas, eu e mais uma. Teve um dia que eu descí para comer, para almoçar e fiz um coque, não usava coque no cabelo, eu fiz um coque, ficou até bonitinho, é uma história muito besta, fiz um coque no cabelo e daí uma das meninas vira: “Seu apelido vai ser Kóki!” Aí ficou a Kóki e a outra ficou Renata. Uma coisa muito besta, daí é Kóki até hoje.

S.R. – [risos] Que legal. Então Coque, se tu pudesse definir um objeto pessoal que retratasse toda tua trajetória, qual seria esse objeto. Se eu te falasse assim “Renata, estou montando uma exposição no museu tal e eu quero fazer um cantinho só pra ti ali”. Qual objeto tu me daria ou quais objetos tu me daria?

R.C. – Primeiro eu te daria uma bola.

S.R. – Qualquer bola?

R.C. – Eu tenho uma bola na minha casa guardada, é a do Pan [risos]. A bola do Pan, eu te daria essa bola. Que mais? Te daria a medalha também pra expor, acho que só.

S.R. – Esses objetos definem a Renata?

R.C. – Definem.

---

<sup>32</sup> Eduarda Marranghello Luizelli.

S.R. – Que legal!

R.C. – Se quiser me colocar lá eu fico lá de estátua [risos].

S.R. – Seria muito legal [risos].

R.C. – Mas que me vem na cabeça agora eu acho que é isso.

S.R. – É? *Show* de bola.

R.C. – Que eu nasci com a bola, meu pai sempre mexendo com futebol, sempre gostou de futebol, então nasci nesse meio. Então, se colocar uma bola lá, com meu nome, vai me definir. E tem a medalha, eu falo porque foi uma coisa muito marcante assim sabe.

S.R. – Renata, tem mais alguma coisa que eu não perguntei ou que nós não falamos que é importante para ti, que tu gostaria de falar ou comentar sobre?

R.C. – Eu acho que falei bastante até, eu achei falei bastante.

S.R. – Te soltou.

R.C. – É, tu viu [risos]. Eu não sou muito de falar assim, eu penso bastante, mas quando eu falo, falo mesmo. [risos]

S.R. – Então te agradeço mais uma vez, obrigada.

R.C. – Eu que agradeço fazer parte.

[FINAL DA ENTREVISTA]